Morro da Conceição...

João Moreira Salles

É impossível assistir a Morro da Conceição... sem pensar em Eduardo Coutinho. O gosto pela conversa, os planos longos, os personagens que cantam, uma certa melancolia relacionada ao tempo que passa – todos são elementos que podem ser encontrados no cinema do nosso mais influente documentarista. Nos últimos anos, Cristiana Grumbach tem sido a grande interlocutora de Coutinho, a sua parceira mais constante de trabalho. A influência que ele exerceu sobre ela é natural e bem-vinda. O problema, se problema houvesse, residiria na simples imitação, ou, ainda mais grave, na adoção dos aspectos meramente formais do cinema que Coutinho inventou. Volta e meia vemos filmes assim: uma sucessão de entrevistas entremeadas de imagens da equipe em ação, como se o cinema de Coutinho se reduzisse a uma bula repetitiva e sem graça. O que muita gente já percebeu é que, para esse novo cinema, mais importante do que uma câmera no tripé diante de alguém que fala é a curiosidade de quem ouve. Uma curiosidade sincera, genuína e sem artimanhas, quase uma qualidade moral, no sentido de reconhecer o valor e o interesse daquilo que o personagem decide contar. Essa é a grande lição que Cris aprendeu com Coutinho, e ela impregna todo o seu filme. A beleza de Morro da Conceição... reside no fato de que personagens tocantes finalmente foram ouvidos – pela Cris e por nós todos.